

— Aguentem? — Tyler gritou, desesperado. — Mas são os enxames...! Só ouviu o telefone ecoar: bip... bip... — Maldito seja! Tyler observou a horda de Temagons avançando, uma massa de insetos armados com garras afiadas e lanças ósseas. Com gestos rápidos, ordenou ajustes táticos através de sinais de bandeira. Ele já havia preparado trincheiras esparsas e posicionado metralhadoras pesadas nos bunkers ao redor da linha de frente. Teoricamente, aquela posição era inexpugnável — mas Tyler não queria revelar suas armas tão cedo. Tudo estava camuflado sob estruturas de madeira, sacos de areia, rochas artificiais e até pedaços de concreto que pareciam inofensivos. Em seguida, pediu ajuda aos mercadores do Império para conseguir combustível, aquecedores de promécio e fluido de refrigeração para os veículos. Como aquilo não era considerado armamento, a aprovação foi fácil. Afinal, o que todas as companhias mais buscavam eram armas — mas o 15º Pelotão não sofria com falta de equipamento. Só lhes faltavam soldados. Tyler acenou com o braço, e os sinaleiros transmitiram novas ordens. Um longo toque de corneta ecoou pelo campo de batalha. Logo, bombas caseiras — latas cheias de combustível e aquecedores — foram lançadas sobre os insetos. Um mar de chamas se espalhou à frente, forçando os insetos a atravessar o fogo para alcançar as linhas. Mas eles não temiam as chamas. No máximo, ficavam carbonizados, com a visão embaçada e sentindo apenas um pouco de dor. Foi então que a Guarda Imperial agiu. Usando estilingues, arcos e qualquer coisa que pudesse arremessar, lançaram frascos de fluido de refrigeração sobre os insetos. O líquido respingou sobre suas carapaças quitinosas, e — crack — o som de armaduras rachando ecoou. Os gritos agonizantes dos insetos encheram o ar. A Guarda Imperial aproveitou e abriu fogo. As carapaças, agora cozidas e depois resfriadas, estavam frágeis. Os projéteis as atravessavam como facas quentes na manteiga. Os insetos caíram como palha queimada, deixando soldados de outras companhias boquiabertos. — A guerra pode ser assim tão fácil? Mas Tyler só conseguiu olhar para a linha de frente, aliviado, mas ainda receoso. Aquilo tinha dado certo... por enquanto. Mas ele sabia que aquelas latas não eram fáceis de conseguir. E então, antes que pudesse respirar aliviado, monstros gigantescos surgiram, esmagando as chamas sob seus corpos maciços. O rosto de Tyler empalideceu. — Fechem os portões! Soltem os orks! — berrou. As bandeiras se agitaram, e a corneta soou duas vezes. Dos flancos, um rugido enraivecido e o barulho de motores encheram o campo de batalha. — WAAAAAGH! Capítulo 137: A Linha de Fogo (Parte 2) Eu sou um Nobre. Nasci no Clã Goff, mas hoje sou um "Machado Sangrento" — orks que copiam os humanos. Tudo porque eu queria ser igual ao meu chefe grandão, mesmo ele sendo um magricela humano. Nunca entendi direito por que ele vivia cercado de guerras ou como conseguia vencer lutas impossíveis. Só sei que, seguindo ele, sempre tinha porrada boa. E hoje, vou esmagar esses insetos nojentos! Porque eu sou... UM NOBRE DA GUERRA! — WAAAAAGH! — o Nobre rugiu, pulando de seu veículo enferrujado. Com sua garra de poder, esmagou a cabeça de um inseto guerreiro e a arrancou com um estalo. Aquele ork estava ainda maior agora, mas sua admiração pelo chefe humano continuava a mesma. Desde a Batalha de Armageddon, ele acreditava que Tyler era o maior Nobre da Guerra da galáxia. Bom, quase. Tinha o Esmaga-ossos... o Besta... o Velho Caolho... E os Gêmeos Ruivões... Quanto mais ele pensava, mais confuso ficava. Mas o que importava era matar insetos. Quanto maiores, melhor! Ele riu enquanto destroçava tudo à sua frente, brandindo sua arma favorita: o "Martelo Estrala-Crá-Crá". Era basicamente um bloco de metal pontiagudo grudado num cabo, com foguetes acoplados. Mas nas mãos dele, aquilo era uma máquina de esmagar armaduras. Os foguetes disparavam no impacto, enfiando o martelo na carapaça dos insetos com força brutal. O som que fazia? CRÁ-CRÁ! Por isso o nome. E o Nobre adorava. Ele era o destruidor de insetos, o abridor de carapaças, tão temido que o enxame o considerava prioridade máxima. Várias vezes, os insetos o cercaram, dilacerando sua carne até não sobrar nada dele. Mas os Médicos Malucos o salvaram, remendando seu corpo com pele e carne de Squig de guerra. Agora, sua pele era quase tão dura quanto uma armadura, e sua vitalidade superava a de qualquer ork comum. Os verdes também evoluíam — só que do jeito deles. Enquanto a horda ork e o enxame se enfrentavam, Tyler observava, aliviado. Pelo menos seus homens não precisavam morrer hoje. Claro, os orks eram criaturas horríveis... mas havia uma lealdade estranha ali. De algum jeito, eles o viam como um verdadeiro Nobre da Guerra. Tyler baixou o binóculo, sem entender. Mandou os tanques Leman

Russ se prepararem, orientando-os a poupar os orks na medida do possível. Era uma espécie de misericórdia... inesperada para o Império. Taylor se sentou calmamente, pronto para saborear seu chá da tarde. Mas ele havia esquecido de um detalhe crucial: no campo de batalha, não havia apenas um poderoso líder. Quando aquela silhueta familiar e aterrorizante surgiu na linha de frente, o chefe ork Goff avançou imediatamente em sua direção. Era um tiranossauro insetoide massivo, com padrões estranhos em sua carapaça. O corpo de quase três metros do líder ork parecia insignificante perto daquela criatura colossal. Ainda assim, o ork estava empolgado. Enquanto avançava, esmagava insetos menores com seu martelo de guerra, abrindo caminho como um furacão para enfrentar o monstro. — Você, inseto grande! Eu gosto! Eu conheço você! — gargalhou, balançando o martelo. — O chefe já matou você duas vezes! Não, três! Mas o tiranossauro sequer olhou para ele. Ele procurava humanos, não orks. Orks não eram saborosos, tinham pouca biomassa e eram estúpidos. Se o enxame comesse muitos orks, ficariam burros — pelo menos, era o que aquele tiranossauro acreditava. Com um movimento rápido de suas patas afiadas, ele arremessou o líder ork para longe. A enorme arma abriu um ferimento em seu peito, sangrando copiosamente. Mas isso só deixou o ork mais selvagem, e ele partiu para o ataque de novo... Enquanto isso, na sala de comando, Taylor terminou seu chá e um pacote de biscoitos, relaxando enquanto lia os relatórios de batalha. Foi quando ouviu o barulho de motores se aproximando das tropas da Guarda Imperial. Eram orks — desorganizados, apavorados, fugindo. Seus veículos estavam destruídos, mal conseguindo se mover, completamente inúteis no combate. Taylor percebeu rapidamente que algo estava muito errado. Os orks no campo de batalha estavam em debandada, não apenas alguns, mas toda a linha de frente recuando... Isso não era normal para orks. A resposta era simples e óbvia. O chefe de guerra havia perdido? Taylor sabia o quão letal aquele Goff era. Podia parecer um brutamontes sem cérebro, mas era astuto e mortal, e sua arma era uma ameaça real. — Como assim? Será que...? Ele ergueu o binóculo e viu um corpo verde pendurado no monstro colossal. Seus olhos ainda estavam abertos, cheios de alegria e empolgação, mas nem mesmo a incrível resistência ork podia negar a realidade: ele havia sido derrotado. E mesmo assim, parecia feliz. Afinal, havia deixado um enorme amassado na cabeça daquela besta. O tiranossauro havia evoluído, sua carapaça agora grossa como blindagem de tanque pesado. Mesmo assim, o ork lhe causara um ferimento. E parecia que o líder ork morrera pensando: "Finalmente, superei o chefe..." Taylor viu, com um aperto no peito, o senhor do enxame partir o corpo verde ao meio. A fera, irritada por ainda ter aquele cadáver grudado nela, arremessou os pedaços com desprezo. A queda do corpo levantou uma nuvem de poeira, e Taylor lembrou das palavras irritantes que aquele ork sempre repetia: — Chefe! Chefe! Meu chefe! Era como um cachorro chato — mas, aos olhos de Taylor, também uma ameaça mortal, um xeno abominável. Mas, de certa forma... Era leal. Soava estranho pensar assim sobre um ork, muito estranho. Sua alma jamais chegaria diante do Trono Dourado, então... Era apenas mais uma perda numa guerra entre xenos. O que a Inquisição e o Departamento Monitorum aceitariam sem hesitar. E ele morrera como queria: em combate, contra um inimigo gigantesco, digno de uma grande WAAAGH!. Nada mais satisfatório para um ork. Taylor, porém, não era um ork. Nem um tradicionalista do Império, cheio de ódio por xenos. Deslealmente, ele tirou o chapéu em respeito ao morto. Depois, ordenou que seus soldados recuassem em formação tática. Mas ele não sentia medo. A adrenalina corria em suas veias, e encarou a fera que avançava com determinação e inquietação. Não sabia qual seria seu destino, mas tinha certeza de uma coisa: Ele não era do tipo que se deixava encurralar tão fácil. Aqueles insetos iam sair arrastados do Setor Cadia! Capítulo 138: Linha de Fogo, Parte 3 A Guarda recuou em ordem, enquanto o enxame avançava, ávido por biomassa. Mas eles não eram animais irracionais. Agiam com cautela. Taylor se preocupava. Eles poderiam descobrir suas armadilhas? Afinal, enormes fortalezas de guerra não eram fáceis de esconder. Ele dera ordens claras aos regimentos blindados: camuflar os bunkers de artilharia pesada com redes de folhagem e cobertura de terra. Tudo para que o ataque surpresa fosse perfeito.